

Alves Mariano, Marcus Aurelio

*A beleza feito história: aportes para uma
estética teológica contemporânea*

VI Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología
“El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”
Facultad de Filosofía y Letras y Facultad de Teología – UCA
Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central “San Benito Abad”. Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Alves Mariano, Marcus A. “A beleza feito história : aportes para uma estética teológica contemporânea ” [en línea]. Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología “El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”, VI, 17-19 mayo 2016. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. Facultad de Teología ; Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología, Buenos Aires. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/belleza-feito-historia-alves-mariano.pdf> [Fecha de consulta:]

A BELEZA FEITO HISTÓRIA

Aportes para uma Estética Teológica contemporânea

1 Uma atenção ao atual contexto sociocultural

Observando o nosso momento presente, questionamo-nos sobre quais “Belezas” se apresentam hoje e qual conceito mais se adéqua à elaboração de Estética Teológica nesses tempos de pós-modernidade.

No final do século XX, seja nas artes ou na política, as vanguardas que até então predominavam se esvaem. A pós-modernidade é também “pós-vanguarda” (versão artística da pós-modernidade), o relativismo se legitima mais radicalmente. Numa análise da arte pós-moderna, Zigmunt Bauman afirma a dinamicidade veloz do presente e a impossibilidade de uma vanguarda:

Não faz muito sentido falar em vanguarda no mundo pós-moderno. Certamente, o mundo pós-moderno é qualquer coisa, menos imóvel – tudo, nesse mundo, está em movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada (primeiramente, e antes de tudo, uma direção cumulativa). É difícil, talvez impossível, julgar sua natureza “avançada” ou “retrógrada”, uma vez que o interajustamento entre as dimensões espacial e temporal do passado quase se desintegrou, enquanto os próprios espaço e tempo exibem repetidamente ausência de uma estrutura diferenciada ordeira e intrinsecamente. Não sabemos, com toda certeza (e não sabemos como estar certos de o saber), onde é “para frente” e onde é “para trás”, e desse modo não podemos dizer com absoluta convicção que movimento é “progressivo” e qual é “regressivo” (121).

O momento marca o final das grandes narrativas utópicas e inalcançáveis, a inspiração artística não se origina da memória histórica, os estilos se tornam ecléticos e heterogêneos, instalam-se o caos e a indefinição. A crítica e a aversão à modernidade geraram um instante de crise na sociedade ocidental, passa-se de um século para o outro e de um milênio para o outro sem que o antigo seja consideravelmente substituído pelo novo. A crise histórica e a falta de um princípio estético uniforme geraram uma “morte da Beleza”.

A época da pós-modernidade e da pós-vanguarda quer marcar o final da idade moderna e da utopia com uma perfeição incessível. É a época do individualismo e da afirmação de uma liberdade que deixa a cada pessoa a liberdade de julgar e avaliar a seu bel prazer. Rejeitam-se os critérios e as normas estabelecidas pela arte moderna, e cada um se torna mais conciliador para com as formas e os estilos do passado (Jimenez, M. 375).

Diante da complexidade e da volatilidade pós-moderna, Luc Ferry (325-334) sugere três principais significações para o presente momento. A primeira considera a pós-modernidade como um cúmulo da modernidade, por causa do exagero e do radicalismo com algumas questões: o pós-moderno como a quintessência do moderno (por exemplo Jean-François Lyotard). O segundo sentido da pós-modernidade surge da contradição dialética da vontade ininterrupta de produzir algo inédito, uma “volta” à inovação vanguardista, porém de maneira eclética e indefinida (por exemplo Jencks, Pierre Boulez e Frank Zappa). A terceira tendência considera a pós-modernidade como superação da modernidade, uma crítica ao vanguardismo e à razão moderna (por exemplo Albrecht Wellmer). Assim, assiste-se a uma crise da Estética que incide no conceito de Beleza. Há uma pluralidade neste conceito, devido às concepções estéticas não homogêneas (Jiménez, J. 34).

Nos tempos de vanguarda, a arte e a Estética possuíam uma incidência na história e na sociedade e um papel revolucionário. Hoje, arte e estética perderam o vínculo com a realidade histórica e tornaram-se alternativas de inutilidade pública. “As artes nos nossos dias, ao contrário, não se mostram inclinadas a nada que se refira à forma da realidade social. Mais precisamente, elas se elevam dentro de uma realidade *sui generis* e de uma realidade autossuficiente nesta” (Bauman 129). Logo, o tema da Beleza parece não possuir valor. A “morte de deus” representa também uma “morte da Beleza”.

Então, ao pensar hoje sobre a Beleza, deve-se considerar o presente fluído e fragmentado. A velocidade das mudanças na nossa história não nos permite mais acatar um conceito clássico de Beleza, tampouco diminuir sua proposta antropológica de um estado de “plenitude humana” que une o universal e o individual. Uma compreensão de Beleza deve considerar o relativismo hodierno, lidar com a efemeridade cultural e propor-se como âmbito a partir do qual o ser humano pode experimentar-se além de frágil fragmento.

Nas últimas décadas, a Teologia vem se aproximando das Artes e das reflexões sobre a Estética como meios pelos quais se comunica Deus. Apresentaremos algumas tendências no âmbito da Estética Teológica a fim de refletirmos posteriormente sobre uma Estética Teológica que considere nosso contexto latino-americano.

2 Atuais tendências na Estética Teológica

Há, na reflexão teológica atual, após os inícios da Estética Teológica Moderna com Hans Urs von Balthasar, muitas tendências no âmbito da Estética Teológica conforme o foco, a metodologia e os pressupostos doutrinários. Estephan Van Erp destaca quatro tipos principais da Estética Teológica (57-68): a Teologia da arte, a Estética em

Teologia-filosófica, a Estética Teológica Transcendental e a Estética Teológica em relação com a Redenção¹.

A Teologia da Arte se preocupa com as descrições das religiões e do Cristianismo nas diversas formas de arte. Baseando-se nessas descrições e nos temas de interesse dos artistas, a Teologia encontra pontos em comum entre a fé e a arte apresentada. Não se trata unicamente de artes religiosas ou de artes para as religiões. Parte-se do princípio de que as artes geralmente podem ser interpretadas religiosamente, então, encontram-se pontos de relação entre a arte e a fé. Os teólogos promovem o diálogo a fim de uma Teologia a partir das obras de arte e das inspirações artísticas.

Algumas iniciativas são importantes mencionar: *Bildtheologische Arbeitsstelle* de Alex Stock da Universidade de Colônia; *Arbeitsstelle für christliche Bildtheorie, theologische Ästhetik und Bilddidaktik* da Universidade de Münster sob a direção de Reinhard Hoeps; *Theology through the arts* de Jeremy Bergbie; uma revista eletrônica sobre Teologia, artes e culturas (www.theomag.de).

A segunda tendência de Estética Teológica, uma Estética em Teologia filosófica, desenvolve-se a partir das compreensões filosóficas de Beleza, identificada com o Transcendente. A partir desse conceito, os teólogos encontram uma relação para falar de Deus. A afinidade entre Teologia e Estética se desenvolveu, desde a antiguidade até nossos dias, a partir da assimilação que os teólogos fazem da Beleza descrita pelos filósofos (por exemplo: Plotino, Walter Benjamim).

Na atualidade, Mark Taylor representa essa tendência estético-teológica. Para ele, a obra de arte oferece uma ausência em vez de representação e não há nada além de uma imagem, tornado assim impossível uma representação mimética. As imagens são como aparências da transcendência. A pós-modernidade “redescobre” a impossibilidade

¹ Partes dos seguintes tópicos foram apresentados por mim no 28º Congresso Internacional da Soter (14-17/7/2015). Reelaboramos e ampliamos a reflexão anterior.

de uma representação de Deus, logo a obra de arte e a experiência estética podem ser importantes para a Teologia.

A Estética Teológica Transcendental combina uma metafísica da Beleza com a Filosofia Transcendental de Kant. O início dessa perspectiva aconteceu a partir de Hansjürgen Verweyen (1991) que dá para Estética um lugar eminente na racionalidade teológica, pois a beleza determina o ser e intermedeia a verdade e a bondade. Atualmente, Richad Viladesau segue essa perspectiva, contudo, ao contrário de Verweyen, ele considera que Teologia Transcendental não deve ter como fundamento apenas a Filosofia possibilitando um diálogo com as outras disciplinas acadêmicas. A Teologia completa a compreensão do método transcendental, porque Deus é a condição absoluta e necessária para tornar possível a Beleza.

Finalmente, a última perspectiva enfatiza a dimensão soteriológica da Estética Teológica, relacionando diretamente Beleza e redenção humana. Para tal aspecto de Estética Teológica, percebe-se uma Beleza além dos sentidos e que pode ser sensitivamente feia, mas que se desenvolve a partir de experiências humanas sofridas e que geram um compromisso de transformação social e engajamento político. Muitos teólogos da atualidade refletem a partir desse parâmetro: Hans Küng, Nicholas Wolterstorff, Alejandro García-Rivera, Pierangelo Sequeri, Jonh Gruchy e Eberhard Jüngel.

Visitando algumas perspectivas de Estéticas Teológicas contemporâneas, constatamos majoritariamente um desenvolvimento reflexivo a partir de pressupostos teórico-filosóficos com pouca sensibilidade social e de matriz europeia. Perdura para nós o desafio de elaborar, a partir do nosso contexto, a Beleza para nossos tempos e como tal categoria contribui para apresentar Deus.

3 Considerações para uma Estética Teológica latino-americana

Agora, elucidaremos algumas características para uma Estética Teológica na atualidade, considerando nossos contextos históricos e socioculturais e assumindo nossas características teológicas próprias da América Latina.

Deus, enquanto Beleza fascinante, apresenta-se a nós também no rosto do outro sofredor e nas realidades sofridas da nossa sociedade pós-moderna. Considerando a fragilidade do nosso tempo e dos seres humanos fragmentados, encontrarmo-nos com o Todo, a Glória, o Belo, a Redenção, isto é, com a epifania de Deus que se desponha para nós surpreendentemente, causando fascínio e espanto, deslocando-nos de nós mesmos para Ele e para os outros nos quais com Ele nos encontramos. A Estética Teológica não nos paralisa diante da Beleza que se desponha, mas nos põe em marcha para realizá-la por meio de nossas vidas em nossas ações.

João Duque, teólogo português, propõe uma Estética a partir da categoria de “compaixão” desenvolvida por Jean-Baptiste Metz (Duque 290-299). A categoria *compassio*, que significa “sofrer com, tomar partido por, perceber a aflição do outro de uma forma que te engaje, um pensamento atuante ao sofrimento do outro” (Metz 158), abre uma temporalidade própria, pois vive da memória e da esperança, a partir de uma relação específica com o passado e com o futuro de cada sujeito concreto. Esse passado e esse futuro formam-se a partir de histórias particulares e, no caso cristão, a partir da relação dessas histórias particulares com uma história particular: a história de Jesus Cristo. Desse modo, na categoria *compassio* resplandece a interpelação e a autoridade universal do outro sofredor. Essa interpelação constitui, no fundo, um apelo a cada humano para a Estética operativa, comprometida e transformadora.

Com isso, a Estética Teológica deve comportar consigo mesma uma Ética. A Beleza só pode salvar a partir de uma história concreta (uma realidade) e alguém

necessitado (o próximo). Outrossim, uma perspectiva teológica como tal não se confina nos bastidores acadêmicos, mas incide na realidade concreta e interpelativa que aguarda dos cristãos contemporâneos o rosto da Beleza que cada um pode encontrar.

Logo, em tempos de “morte de Deus” ou “morte da Beleza” ou ainda de um “mercado de divindades”, a Teologia pode servir sua reflexão às ciências apresentando uma utilidade teórica e prática das artes e da Estética. Ainda, a Teologia pode oferecer para os contemporâneos de hoje uma Beleza redentora, não como outrora a partir dos conceitos da metafísica clássica, mas a partir da alteridade, da fenomenologia do encontro com o rosto do outro e do contato com o meio no qual estamos inseridos.

Nossa história humana, em particular o momento presente, é espaço para epifania da Beleza. No cotidiano da nossa existência ordinária poderemos nos encantar com a Beleza a partir das relações nas quais estamos inseridos com o Outro, com o próximo e com o meio. Assim, poderemos ver a Beleza que salva o mundo.

BIBLIOGRAFIA

Bauman, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Impresso.

Duque, João Manuel. “A Estética na era pós-metafísica”. *Communio*, out. / dez 2008: 289-300. Impresso.

Erp, Stephan Van. *The Art of Theology: Hans Urs von Balthasar’s Theological Aesthetics and the Foundations of Faith*. Leuven: Peeters, 2004. Impresso.

Ferry, Luc. *Homo Aestheticus*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Impresso.

Jiménez, José. *Imágenes del hombre: fundamentos de estética*. Madrid: Tecnos, 1998. Impresso.

Jimenez, Marc. *O que é Estética?*. São Leopoldo: Unisinos, 1999. Impresso.

Mareano, Marcus. “Estética Teológica: conceito, características e desafio”. *SOTER. Anais do Congresso da Soter*. Belo Horizonte: SOTER, 2015, p. 654-660. Meio digital.

Metz, Jean-Baptiste. *Memoria passionis: un souvenir provocant dans une société pluraliste*. Paris: Cerf, 2009. Impresso.

Taylor, Mark. *Disfiguring: Art, Architecture and Religion*. Chicago: University Press, 1992. Impresso.

Viladesau, Richard. *Theological Aesthetics: God in imagination, Beauty and Art*. Oxford: Oxford University Press, 1999. Impresso.